

Interação e Autonomia de Alunos da Educação de Jovens e Adultos no Facebook: Contributos de um Curso de Educação Financeira

Interaction and Autonomy of Youth and Adult Education Students on Facebook: Contributions from a Financial Education Course

Márcio Alexandre do Nascimento Chagas^{*a}; Carlos Eduardo Rocha dos Santos^a

^aUniversidade Anhanguera de São Paulo. SP, Brasil.

*E-mail: marcioalexandrechagas@gmail.com

Resumo

A autonomia de alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um assunto que desperta muito interesse, pois devido às limitações que lhes são impostas pelas condições de vida, fragilidades em sua formação acadêmica e dificuldades com o uso da tecnologia, acabam ficando à margem da sociedade, sendo excluídos socialmente. Foi visando contribuir com a mudança desse cenário que este artigo traz como objetivos analisar a interação e a conquista da autonomia de alunos da EJA durante a realização de um curso de Educação Financeira oferecido por meio da rede social Facebook e apresentar discussões sobre temas de Educação Financeira que podem favorecer para a Inclusão Social alunos da EJA em seus cotidianos. A abordagem metodológica de nosso estudo se caracteriza como qualitativa, em relação aos objetivos, entendemos que seja exploratória e no que tange aos procedimentos, classificamos como bibliográfica e etnográfica. Em nossa pesquisa ofertamos um curso de Educação Financeira por meio da rede social Facebook, organizado em cinco unidades, contendo entre elas dois momentos presenciais, uma aula inaugural e uma aula final, ambas realizadas em uma escola estadual localizada na cidade de Guarulhos/SP. Participaram do curso oito estudantes da EJA, todos acima dos 18 anos de idade, cursando entre o 1º e o 3º ano do Ensino Médio. Ao final da pesquisa pudemos constatar um ganho de autonomia e conscientização por parte dos alunos no que se refere às questões relacionadas com suas vidas financeiras, deixando evidente a necessidade de melhores escolhas nas tomadas de decisão. Verificamos, também, que mesmo diante das limitações relacionadas às interações ocorridas no curso, advindas por desconhecimento do tema e dificuldades com a tecnologia, foi possível despertar novos olhares e novas reflexões sobre Educação Financeira.

Palavras-chave: Redes Sociais. Inclusão Social. Finanças. Tecnologia.

Abstract

The autonomy of students in Youth and Adult Education (YAE) is a subject that arouses great interest because, due to the limitations imposed by their life conditions, weaknesses in their academic training, and difficulties with the use of technology, they end up being marginalized from society and socially excluded. With the aim of contributing to the change of this scenario, this article aims to analyze the interaction and the achievement of autonomy of YAE students during a Financial Education course offered through the Facebook social network, as well as to present discussions on Financial Education topics that can favor the social inclusion of YAE students in their daily lives. Our study's methodological approach is characterized as qualitative, exploratory in terms of objectives, and bibliographic and ethnographic in terms of procedures. We offered a Financial Education course through the Facebook social network, organized into five units, including two face-to-face moments, an inaugural class, and a final class, both held at a state school located in the city of Guarulhos/SP. Eight YAE students participated in the course, all over 18 years old, attending between the 1st and 3rd year of High School. At the end of the research, we were able to verify a gain in autonomy and awareness on the part of the students regarding issues related to their financial lives, making it clear the need for better choices in decision-making. We also found that even in the face of limitations related to interactions in the course, arising from a lack of knowledge of the subject and difficulties with technology, it was possible to awaken new perspectives and reflections on Financial Education.

Keywords: Social Networks. Social Inclusion. Finance. Technology.

1 Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil se constituiu em uma forma de incluir os indivíduos que necessitam terminar seus estudos, que por alguma razão, não finalizaram no momento oportuno. Para caracterizar a EJA, Pereira (2019, p. 277) aponta que

vários educadores têm feito, mas nem sempre conseguem definir, pela pesquisa e reflexões pedagógicas, porque cada dia cresce o número de pessoas em situações sociais diversas que não logram êxito da educação regular e que passam a ser, legalmente, sujeitos dessa educação. O fenômeno da

juvenilização da EJA, por exemplo, contribui para isso, pois cada dia mais jovens adentram nas classes de EJA, provocando inchaços quase incuráveis por conta de que ela não está, infelizmente, preparada para lidar, pedagogicamente, com o jovem.

No Brasil, a Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade reconhecida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.394/1996, sendo voltada para Educação Básica. Ela constitui em seu artigo 37 que “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino

fundamental e médio na idade própria” (Brasil, 2002, p.12).

Desta maneira, refletir sobre Educação de Jovens e Adultos no Brasil é ponderar sobre algo já debatido na educação brasileira, por vários educadores e pesquisadores. Contudo, é importante direcionar o olhar para as propriedades desse tipo de ensino, em vez de apenas considerar suas virtudes.

De acordo com os dados extraídos do Portal da Educação (Educação SP, 2021), com base no perfil de alunos que escolhem a modalidade da EJA, percebemos que são alunos que não apresentaram a oportunidade de iniciar ou concluir os ensinamentos Fundamental ou Médio na idade adequada. Nesse cenário, conforme a legislação brasileira, essas pessoas podem ter acesso a essas etapas da escolaridade por meio de cursos e avaliações voltadas à modalidade de ensino da EJA.

Já no cenário do estado de São Paulo, cerca de mil escolas¹ estaduais oferecem aulas na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Esse modelo de aprendizado é possível completar tanto o Ensino Fundamental quanto o Ensino Médio em menor tempo. Dessa maneira, as aulas do Ensino Fundamental são abertas para alunos a partir de 15 anos de idade. Os interessados em completar o Ensino Médio carecem ter, no mínimo, 18 anos de idade. Os módulos têm duração de seis meses cada, que são equivalentes ao período do ensino regular, de um ano. O curso conta com quatro horas diárias, de segunda a sexta-feira.

No Brasil, ao logo da história, identificamos iniciativas na tentativa de entender os sujeitos da EJA, de tal forma podemos contar com o apoio de Pereira (2019, p.14) quando se refere a esse assunto, apontando que:

Percebe-se que na história do Brasil a educação de adultos define sua identidade a partir de 1947, constituindo-se como uma campanha nacional para a grande população. Foi lançada a Campanha de Educação de Adultos, que buscava alfabetizar em três meses, sendo o curso primário organizado em dois períodos de sete meses.

Essa ideia foi bem aceita para que os cidadãos pudessem ter maiores oportunidades de ingressar no universo do conhecimento acadêmico. Já nessa época a sociedade passava por diversas mudanças em seu cenário político. Nessa perspectiva, podemos lembrar da qualidade do ensino às crianças.

A condição de não criança tem repercussões de diversas ordens do ponto de vista da incorporação do aluno ao sistema e às práticas escolares. Em primeiro lugar, está a luta pelo direito à Educação Básica. A Constituição de 1988 representou um avanço na direção da conquista desse direito ao estabelecer como obrigatório e gratuito – e dever do Estado – todo o Ensino Fundamental, e não apenas a educação de crianças de sete a quatorze anos, como rezava a Constituição anterior (Fonseca, 2007, p.16).

Sabemos que diversas iniciativas surgiram ao longo dos tempos, no entanto, apontamos os documentos oficiais as concepções do pensamento pedagógico, os processos de

ensino e de aprendizagem e a influência no dia a dia de cada aluno. De tal maneira que

as dificuldades da concepção de uma proposta pedagógica que considere a condição de não crianças de seus alunos não estão relacionadas somente aos entraves provenientes das limitações impostas pela estrutura e pelos propósitos escolares. Mesmo que a escola e seus professores estejam imbuídos da disposição de elaborar e implementar um projeto pedagógico voltado especificamente para o público da EJA, enfrentarão os desafios próprios de uma seara pouco trilhada, ou trilha da com o suporte relativamente frágil de uma reflexão teórica ainda incipiente (Fonseca, 2007, p.19).

Dessa forma, um olhar à contribuição governamental, para que os cidadãos que carecem de apoio e inclusão possam desfrutar de possibilidades para se tenham oportunidades em nossa sociedade, deve ser dado desenvolvendo melhores condições e possibilidades para os alunos que necessitam dessa modalidade.

Visando propor algumas melhorias necessárias, este artigo² tem como objetivos analisar a interação e a conquista da autonomia de alunos da EJA durante a realização de um curso de Educação Financeira oferecido por meio da rede social Facebook e apresentar discussões sobre temas de Educação Financeira que podem contribuir para a Inclusão Social alunos da EJA em seus cotidianos, propondo, assim, novos olhares para a inclusão social e pessoas que fazem parte de situações de vulnerabilidade.

2 Referencial Teórico

A presente seção apresenta o aporte teórico com o intuito de promover maior contribuição para o cenário da Educação, considerando a autonomia, a caracterização de inclusão social e, por fim, algumas questões sobre a matemática na EJA.

Na sociedade brasileira, a Educação de Jovens e Adultos possibilita uma estratégia para os indivíduos que necessitam terminar seus estudos, que por algum motivo, não finalizaram no momento oportuno. Desta forma, entendemos que esse tema é complexo e que necessitamos buscar definições para cada reflexão aqui levantada.

2.1 Algumas reflexões sobre autonomia

Importante destacar que parte dos alunos da EJA apresenta grandes dificuldades relacionadas ao uso da tecnologia, como por exemplo, navegação em sites de pesquisa, ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) e até mesmo, redes sociais. Parte desse público desconhece, até mesmo, o uso de alguns programas do pacote office, tais como Word e Excel, talvez os mais usados no meio acadêmico e profissional. Entendemos que mais do que desenvoltura para a utilização desses recursos tecnológicos, a falta de conhecimento em instrumentos de apoio ao estudo torna, sem dúvidas, o processo mais complexo e padecido aos discentes da EJA.

1 Dados extraídos de: <https://www.educacao.sp.gov.br/educacao-jovens-adultos>

2 Este artigo é um recorte da dissertação e mestrado de (dados do autor e da dissertação serão acrescentados na versão identificada do artigo)

Percebemos, também, que os alunos da EJA buscam suprimir o tempo perdido de uma maneira rápida e garantida de finalizar seus estudos. Assim, nossas reflexões consideram as possibilidades que se abrem por meio de práticas educativas diferenciadas, como a que apresentaremos neste artigo, concebidas como um espaço adequado para o desenvolvimento do pensamento crítico, interação entre pares e conquista de autonomia, tanto no uso de recursos tecnológicos quanto no trato com suas finanças.

Porém, vale frisar que, os maiores anseios dos estudantes da EJA, durante a realização de um curso a distância, surgem no momento de assumirem uma posição autônoma, para determinar o ritmo do seu processo de estudo, sem receber constantemente, orientações do professor.

Destacamos, assim, que “A autonomia é um processo que se constitui gradualmente à medida que os processos de aprendizado da vida de um indivíduo se consolidam” (Klostermann, 2016, p.1), configurando-se como “algo que se desenvolve ao longo do tempo, uma atitude libertadora e que permite a quem a possui tomar decisões em sua vida baseadas em suas vontades e ações e não no que lhe sugerem” (Preti, 2003 apud Klostermann, 2016, p.1), determinando, portanto, “a condição de uma pessoa ou de uma coletividade, capaz de determinar por ela mesma a lei à qual se submeter” (Fleck, 2004, apud Nascimento & Borges, 2014, p. 6).

Para Martins (2012) a autonomia está vinculada a ideia de participação social, podendo em alguns casos, ser considerada como um ato consciente de cada pessoa, que pode ser desenvolvido nos espaços escolares, pois as

práticas escolares voltadas para a promoção da autonomia tem a capacidade estimular o desenvolvimento da percepção crítica e viabilizar a mediação dos poderes referentes às maneiras em torno das quais se consolidam as relações dos humanos dentre outros (Fleck, 2004, apud Nascimento & Borges, 2014, p.6).

Ainda sobre autonomia, Fleck (2004 apud Nascimento & Borges, 2014, p.4-5) aponta que o conceito de autonomia pode ser traduzido, também, como “condição essencial para o exercício da cidadania, a qual determina que, sem liberdade, não ocorre a autodeterminação e, portanto, inviabiliza toda forma de responsabilidade pessoal”.

2.2 Inclusão ou Exclusão Social

Falar em inclusão social é promover uma reflexão dos conceitos que temos e que praticamos, sendo constantemente discutido em diversos níveis com os professores de educação. Os conceitos que permeiam essa temática são apresentados por Martins (2008, p.27), e apontam que

a categoria de exclusão é resultado de uma metamorfose nos conceitos que procuravam explicar a ordenação social que resultou do desenvolvimento capitalista. Mais que uma definição precisa de problemas, ela expressa uma incerteza e uma grande insegurança teórica na compreensão dos problemas sociais da sociedade contemporânea.

Sabemos que cada cidadão entende a sua realidade e

apresenta suas decisões, sendo preciso mais elementos para que se possa participar efetivamente das discussões e ter uma argumentação fixada numa seleção de informações disponíveis nos meios de comunicação, de tal modo que a sociedade precisa entender que esse processo, cada vez mais, está relacionado com a prática cotidiana e se faz necessário aproximar ainda mais do ponto de vista de alunos da EJA que procuram ser inseridos num mundo social, no qual buscam seu espaço para serem respeitados como indivíduos. Dessa forma, temos que,

Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura. A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem convive, que experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação (Boff, 1997 apud Dorneles, 2018, p.70).

Em se tratando de interpretação, observamos os diversos pontos de vista e percebemos que as experiências para o reinício de vida, a partir do aprendizado na EJA, se torna uma esperança na realização de sonhos destes alunos. Desse modo, se faz necessário ter a Educação de Jovens e Adultos, para promover a inclusão social.

Ela precisa existir, porque é a oportunidade para aquelas pessoas que, de uma forma ou de outra, por um fator ou outro, não puderam estudar, foram excluídas desse mundo da leitura e da escrita, das informações. Então é a única oportunidade, digamos assim, de promover a inclusão dessas pessoas. É a oportunidade de auxiliar essas pessoas a estarem incluídas dentro da sociedade, no campo de trabalho, no grupo social (Santos & Peripolli, 2012, p. 226).

Ao se falar de inclusão social, trazemos para a discussão o pensamento em diversas perspectivas para que o aluno da EJA não possua o sentimento de exclusão, ao pensar nas rodas de conversas com amigos, por exemplo. Santos & Peripolli (2012, p.227) nos apresentam que

a grande barreira para voltar a estudar é o pré-conceito que eles estabelecem sobre si, a vergonha e, principalmente, a baixa autoestima. Quando decidem frequentar uma sala de aula, a princípio, é somente como um teste. Se a professora, juntamente com a metodologia utilizada, atender as suas perspectivas, definir-se-á ou não a permanência deste aluno.

Estudos sobre as fragilidades dos alunos da EJA, o preconceito e suas necessidades, são muitos na literatura. Nesse sentido, os significados que são trazidos pela motivação destes alunos estão além das paredes de salas de aulas, já que eles precisam de atenção por fazerem parte da “sociedade pensante”, preencher o espaço vazio que restou e discutir assunto igualmente importante para a construção de uma sociedade um pouco mais igualitária. Porém, em muitos casos, esses alunos

buscam na escola preencher um espaço vazio do estudo, preencher um espaço que os têm deixado à margem, ou indiferente dentro da sociedade e, essa exclusão se dá, não só pela sociedade, mas pelas próprias pessoas analfabetas, porque, para muitos, o analfabetismo se caracteriza como uma doença e, por esse motivo, prefere se isolar (Santos & Peripolli, 2012, p. 228).

Conforme apresentado no Caderno 1 da EJA³, disponibilizado pelo MEC, podemos observar que alguns aprendizes apresentam insegurança no processo de ensino e de aprendizagem, pois eles descrevem, por exemplo, que:

Eu tinha medo de ir à escola, me dava um frio na barriga. Tentava prestar atenção na aula, mas entendia tudo pela metade. Tentei participar das aulas, algumas vezes, mas minhas perguntas sempre causavam risos e a professora nunca falava nada. Tinha vergonha de não saber! (Henriques, 2006, p.16).

Percebemos que alguns alunos possuem sentimentos frágeis de medo e ansiedade, apesar de fazerem parte da vida dos alunos da EJA. Santos & Peripolli (2012, p.221) destacam que na “EJA, embora existam dificuldades dos problemas” os alunos procuram uma alternativa para identificar e sanar suas fragilidades. Observamos no texto de Pereira (2019, p.274) que os sujeitos da EJA

são todos aqueles que não lograram êxito na educação básica quando criança e adolescente e, conseqüentemente, tiveram uma inserção no mundo social e do trabalho fragilizada, sendo que parte desse quantitativo adentrou em processos de extrema fragmentação da vida social a tal ponto, que muitos passaram da zona de vulnerabilidade para a de indigência. Essas pessoas foram propositalmente esquecidas nas parcas políticas de inserção e integração em EJA, porque eram ações para os menos excluídos e que, mesmos assim, não lograram o êxito pretendido pelo Estado brasileiro quanto à erradicação do analfabetismo entre a população adulta, a história da Educação de Adultos (EA) não nos deixa mentir.

Entendemos que a Educação de Jovens e Adultos conserva-se sendo um lugar de inclusão excludente, “em que no primeiro momento o jovem e o adulto é incluído nas classes de EJA, mas dado a fragilidade pedagógica presente nos processos de ensino-aprendizagem termina por excluir”. Essa dinâmica não os promove cognitivamente e socialmente, significando “[...] que esse fato é sustentado pelo fenômeno da aprovação reprovada, em que os sujeitos são promovidos nas avaliações da aprendizagem, mas sem a aquisição de conhecimentos científicos, culturais, saberes e habilidades” (Kuenzer, 2005, p. 125).

Com essa reflexão, podemos acrescentar que as pessoas em situação de vulnerabilidade, como alunos da EJA, necessitam ter possibilidades de interagir com a comunidade em seus diversos níveis sociais, não sendo privados de participar atividade de rodas de discussão sobre os diversos temas pertinentes à sociedade.

Essa privação e falta de recursos” que lhes garantam a subsistência, a moradia, saúde, segurança, educação é uma situação de vulnerabilidade que, se não houver uma política

pública de incentivo à produção e renda, essas pessoas, que não são poucas, adentrarão em uma situação de pobreza que beira a zona do desfilamento (Pereira, 2019, p. 276).

Com esse cenário, percebemos que os desafios são diversos, de tal maneira que “refletir sobre a EJA como lugar de inclusão social é condição primeira para garantir o direito a essas pessoas à alfabetização, escolarização ampla, profissionalização, assistência social, psíquica” entre outros (Pereira, 2019, p. 282).

2.3 Algumas questões sobre a matemática na EJA

Os desafios que temos na EJA e na Educação Matemática, possibilitam um olhar para uma Educação que se torna ainda mais desafiante, já que o aprendizado deve ter sua atenção voltada ao uso das atividades do cotidiano oriundas da Matemática. Esse fato é derivado da relação com a aprendizagem da Matemática, notamos, assim, traços “próprios da relação do aprendiz adulto com o conhecimento matemático e com a situação discursiva em que se forja (e que é forjada por) seu aprendizado escolar” (Fonseca, 2007, p.23). Com essa constatação, procuramos compreender como sujeitos desenvolvem seus conhecimentos por meio de aprendizagem e detectar que

nunca é demais insistir na importância da Matemática para a solução de problemas reais, urgentes e vitais nas atividades profissionais ou em outras circunstâncias do exercício da cidadania vivenciadas pelos alunos da EJA. [...] contemplando-se problemas significativos para os alunos, ao invés de situações hipotéticas, artificiais e enfadonhamente repetitivas, forjadas tão somente para o treinamento de destrezas matemáticas específicas e desconectadas umas das outras e, inclusive, de papel na malha do raciocínio matemático (Fonseca, 2007, p.50).

Trazendo para a realidade o crescimento econômico mundial, ainda na perspectiva da Matemática, percebemos mudanças no sistema monetário e em toda a economia, a Matemática Financeira foi se alargando e englobando informações e fórmulas para resolver novas questões (Natalino, 2014). Destacamos aqui que

quando falamos em Educação Matemática de Jovens e Adultos, não nos estamos referindo ao ensino da Matemática para o estudante universitário ou da pós-graduação, nem de cursos de Matemática que integram os currículos de programas de formação especializada para profissionais qualificados, ou de sessões de resolução de problemas matemáticos com finalidade terapêutica ou diagnóstica [...] estamos falando de uma ação educativa dirigida a um sujeito de escolarização básica incompleta ou jamais iniciada e que ocorre aos bancos escolares na idade adulta ou na juventude. A interrupção ou o impedimento de sua trajetória escolar não lhe ocorre, porém, apenas como um episódio isolado de não acesso a um serviço, mas num contexto mais amplo de exclusão social e cultural, e que, em grande medida, condicionará também as possibilidades de reinclusão que se forjarão nessa nova (ou primeira) oportunidade de escolarização (Fonseca, 2007, p.14).

Nesse contexto, Pereira (2007) aconselha que é fundamental

3 http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_caderno1.pdf

a percepção e comparação de diferentes experiências culturais e de relação com a escrita que se manifestam no grupo de alunos participantes do programa EJA, no tocante à educação. De tal modo, o repertório de vida, como base histórico-cultural e os aspectos familiares influenciam na tomada de decisão e na aprendizagem dos conteúdos de Matemática apresentados na EJA. Conforme Natalino (2014, p.13), a

educação de jovens e adultos, é uma turma formada por alunos que há muito tempo deixaram de frequentar a escola ou que tiveram reprovações e estão em uma faixa etária diferente da pretendida no ensino regular. Entendendo o que levaram esses alunos ao EJA pode-se perceber uma defasagem em conteúdos básicos de matemática que poderiam ser recordados e aprendidos através de atividades bem práticas relacionadas à matemática financeira. Estas atividades recordariam cálculo de porcentagens, taxa de juros, potenciação e introduziriam os conceitos de logaritmo e progressões, de grande importância, bem como outros conceitos de matemática financeira.

Nessa perspectiva, identificamos que para um ensino efetivo, a escola não precisa ficar pautada em uma educação baseada em memorização de regras ou de estratégias para resolver problemas ou centrada em conteúdos pouco significativos para essa modalidade de ensino (Brasil, 2002). Pensando em ter novos olhares para o processo de formação, destacamos que estudos voltados para os processos de ensino e de aprendizagem surgem para colaborar com as questões de formação de alunos da EJA.

3 Metodologia

Com vistas a analisar a interação e a conquista da autonomia de alunos da EJA durante a realização de um curso de Educação Financeira oferecido por meio da rede social Facebook, apresentamos nesta seção a abordagem metodológica utilizada em nossa pesquisa, devidamente registrada sob o CAAE 02220818.4.0000.5493.

No que tange a abordagem, nosso estudo se caracteriza como qualitativo, pois:

Nesse tipo de pesquisa, o pesquisador propõe-se a participar, compreender e interpretar as informações, sem a preocupação de generalização. E, dada a complexidade e a riqueza de detalhes dos aspectos observados, a pesquisa restringe-se a uma amostra pequena e sem controle mensurável (Utsumi, Cazorla, Vendramini & Mendes, 2007, p. 86).

Em relação aos objetivos, entendemos que nossa pesquisa seja exploratória, uma vez que “Este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (Gerhardt & Silveira, 2009, p. 35), além de ser “utilizada para casos em que, por falta de familiaridade com o problema de pesquisa, seja necessário um estudo que oriente a direção a ser seguida, mesmo que existam teorias e conhecimentos a respeito do tema em questão (Utsumi et al., 2007, p. 87).

Por fim, quanto aos procedimentos, nossa pesquisa se classifica como bibliográfica e etnográfica. É bibliográfica, pois foi necessário “revisar estudos tendo como material

de análise documentos escritos, garimpados em arquivos e acervos” (Utsumi et al., 2007, p. 91). E, se caracteriza como pesquisa etnográfica, uma vez que esse tipo de pesquisa “pode ser entendida como o estudo de um grupo ou povo”, além de serem “realizadas sobre os processos educativos, que analisam as relações entre escola, professor, aluno e sociedade, com o intuito de conhecer profundamente os diferentes problemas que sua interação desperta” (Gerhardt & Silveira, 2009, p. 41).

3.1 Procedimentos Metodológicos

A coleta de dados de nossa pesquisa se deu a partir das interações ocorridas entre os participantes, todos os alunos da EJA, durante a realização de um curso de Educação Financeira, oferecido por meio da rede social Facebook. Esse curso contou, ainda, com dois momentos presenciais, uma aula inaugural e uma aula final, ambas realizadas em uma escola estadual localizada na cidade de Guarulhos/SP.

Figura 1 - Página do curso no Facebook



Fonte: Autores (2019, p.56).

Na aula inaugural identificamos cada ingressante e esclarecemos possíveis dúvidas relacionadas aos procedimentos, como interações e uso da ferramenta. Além disso, solicitamos a leitura e coletamos a assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, além de obter a autorização da escola parceira, por meio da Declaração de Anuência. Ainda nesse primeiro encontro, iniciamos a discussão sobre o tema de Educação Financeira, momento no qual pudemos ajudar aos estudantes no primeiro acesso ao curso, pois alguns demonstraram grandes dificuldades no manuseio da rede social Facebook, mesmo já sendo usuário da rede social, condição necessária para participar do curso.

No segundo e último encontro presencial procedemos a avaliação do curso para consolidar os saberes e discutir tudo o que foi visto no curso sobre Educação Financeira.

Participaram do curso oito estudantes da EJA, todos acima dos 18 anos de idade, cursando entre o 1º e o 3º ano do Ensino Médio, conforme podemos verificar no Quadro 1.

Quadro 1 - Perfil dos participantes inscritos no curso

NOME	IDADE	ANO DE ESTUDO (Ensino Médio)
Keyse	18	1º ano
Fernanda	23	2º ano
Jessiara	35	2º ano
Giselly	18	2º ano
Danny	23	2º ano
Ana Maria Ribeiro	36	1º ano
Milla	33	2º ano
Raimundo	31	2º ano

Fonte: Autores (2019, p.57).

O curso oferecido por meio da rede social Facebook foi organizado em cinco unidades. Na Unidade 1, houve o primeiro encontro presencial com o tema “O que é Educação Financeira” e o levantamento do entendimento desse tema por parte dos estudantes. A Unidade 2 foi destinada para a discussão da temática “Planejando sua vida financeira”, sendo subdividida em duas partes: teste sua inteligência e Planejamento Financeiro.

Reservamos para a Unidade 3 uma conversa sobre “Empréstimos”, na qual discutimos melhores e eficientes conceitos para a Educação Financeira, com reflexão da sua atual condição financeira. Na Unidade 4 apresentamos o tema “Conquiste sua liberdade Financeira”, momento em que discutimos alguns conceitos financeiros, como gastar, poupar e / ou guardar seu dinheiro.

Para a última unidade, reservamos um momento para a “Avaliação do curso”, ocasião que cada participante pode, individualmente, tecer seus comentários e reflexões sobre as possíveis contribuições do curso para sua vida financeira e para sua melhor gestão do uso do dinheiro.

Quadro 2 - Organização do curso via Facebook

UNIDADE	TEMA	LOCAL
Unidade 1	Tema: O que é Educação Financeira	Encontro presencial
Unidade 2	Tema: Planejando sua Vida Financeira	Ensino via Facebook
Unidade 3	Tema: Empréstimos	Ensino via Facebook
Unidade 4	Tema: Conquiste Sua Liberdade Financeira	Ensino via Facebook
Unidade 5	Tema: avaliação final	Encontro presencial

Fonte: os autores.

Nesse curso, os dados foram coletados a partir das interações ocorridas durante o curso e registradas por meio da ferramenta “Comentar” do Facebook, espaço no qual os participantes puderam interagir entre si e com o pesquisador sobre os temas propostos. Além da coleta on-line dos dados, houve, também, registro dos dois encontros presenciais.

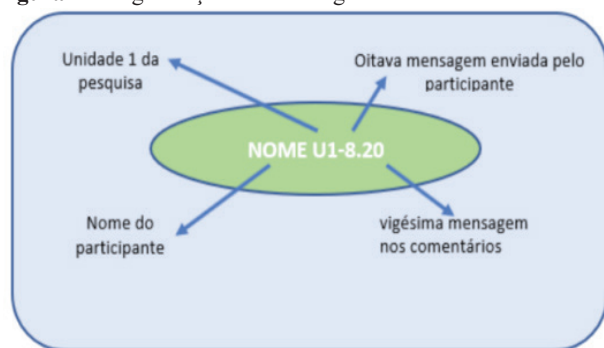
Destacamos que a coleta de dados nos encontros presenciais ocorreu por meio de observações do pesquisador e dos registros feitos pelos participantes, dentre eles destacamos a entrega e apresentação de um trabalho final, que visava consolidar tudo o que foi discutido ao longo do curso. Todos

esses dados foram organizados e compilados em quadros, sendo que para as análises foram criados quadros apresentando recortes de todas as interações ocorridas ao longo do curso e que serão utilizadas em nossa análise na próxima seção.

4 Resultados e Discussão

Nesta seção apresentamos a descrição e a análise dos dados coletados. Para tanto, foi necessário criar uma legenda para as interações ocorridas a partir da ferramenta “Comentar” da rede social Facebook, que nos deram subsídios para nossas análises. Dessa forma, organizamos cada uma das mensagens enviadas por meio da ferramenta “Comentar” do Facebook da seguinte maneira: nome, unidade do curso, interação enviada pelo participante, interação geral do grupo, conforme verificamos na Figura 2.

Figura 2 – Organização das mensagens enviadas no Comentar



Fonte: os autores.

Tendo estabelecido a organização e como as mensagens serão organizadas e codificadas, passamos a apresentar os temas, do 1 ao 5, do curso e os assuntos discutidos em cada um deles.

Quadro 3 - Temas de educação financeira das unidades para discussão

Agente envolvido no curso	Temas abordados no curso
Pesquisador e Participante	Tema 1: O que é educação financeira - Encontro presencial e virtual <ul style="list-style-type: none">Fábula da Cigarra e a formiga;Tomador de recurso e investidor de recurso;Reduza o estresse;Planejar o futuro;Promover o crescimento sustentável;Controle de gastos, receita X despesas;Análise de dívidas.
Pesquisador e Participante	Tema 2: Teste Sua Inteligência Temas abordados: <ul style="list-style-type: none">Pensar no futuro;Quanto pode economizar?Como cortar gastos diário, como cafezinho;Como você lida com seu dinheiro?De onde vem o seu dinheiro?
Pesquisador e Participante	Tema 3: Planejamento Financeiro Temas abordados: <ul style="list-style-type: none">Qual a sua maneira de produzir renda?Quais são as principais dificuldades que você tem em poupar?

Agente envolvido no curso	Temas abordados no curso
Pesquisador e Participante	Tema 4: Conquistar Sua Liberdade Financeira Temas abordados: <ul style="list-style-type: none"> • Liberdade financeira; • Pensamentos financeiros; • Sobre o investimento: Gastar tudo, não gastar nada ou colocar o dinheiro para trabalhar para nós.
Pesquisador e Participante	Tema 5: Avaliação do curso <ul style="list-style-type: none"> • O que foi mais significativo para você? • O que o curso trouxe de influência na conscientização? • O que foi aprendido no curso que será aplicado no cotidiano?

Fonte: os autores.

Na Unidade 1 iniciamos nossas discussões, por meio do Facebook, sobre o tema: “O que é educação financeira”. A discussão desse tema teve início no primeiro encontro presencial, no qual percebemos, a partir dos comentários dos alunos, seus anseios e expectativas frente ao curso, esperando receber contribuições, para que pudessem conquistar seus desejos. Nesse sentido, Resende (2013, p. 154) destaca que qualquer contribuição para a Educação Financeira deve se pautar “na possibilidade de colocar o indivíduo-consumidor (alunos e alunas da EJA) diante de situações de consumo que vivenciam em seu cotidiano, sem na maioria das vezes, terem conhecimento para operarem com instrumentos financeiros.”

Diante desse contexto, iniciamos nossa análise, com base nos questionamentos feitos sobre a fábula da “Cigarra e a formiga⁴”, apresentada em vídeo⁵. Pudemos constatar que alguns participantes se identificaram como a cigarra (Quadro 4⁶) e a formiga (Quadro 5), pois foi destacado no primeiro caso que há o uso exagerado de recursos financeiros e no segundo caso, uma conscientização sobre a necessidade de investir.

Quadro 4 – Discussão sobre o tema 1: Pesquisador x Fernanda

Participante	Discussão	Ação evidenciada
Pesquisador U1- 8.14	Perfeito Fernanda Souza, essa é a ideia, poupar cada vez mais. Veremos mais sobre investimentos nas próximas aulas. Agora, me fale, no vídeo que foi apresentado há uma fábula, da formiga e da cigarra, nessa fábula, onde você se encaixaria? Por quê?	Propor reflexão sobre EF.
Fernanda U1-4.15	no momento eu sou a cigarra. Sei que o “inverno chegará” Mas continuo deixando para depois.	Conscientização do cenário atual, em relação à EF.

Fonte: os autores.

A partir da interação entre pesquisador a e participante Fernanda (U1-4.15) é possível observar que ela possui alguma consciência sobre sua vida financeira, destacada por meio do trecho “sei que o inverno chegará”, que nos traz o entendimento que possivelmente terá dificuldades financeiras. No entanto, vale destacar os posicionamentos diferentes entre os participantes do curso, como é o caso da Giselly (U1- 2.24), que se identificou como a “formiga da fábula” e se demonstrou preocupada com o futuro ao apontar que sempre reserva parte de seus proventos para investir

Quadro 5 – Discussão sobre o tema 1: Pesquisador x Giselly

Participante	Discussão	Ação evidenciada
Pesquisador U1- 14.23	Giselly Berto a educação financeira pode trazer sim, certo conforto, quando aplicada de maneira positivo. Em relação à fábula, cigarra ou formiga? Como usar o conhecimento de educação financeira para realizar sonhos?	Propor reflexão sobre EF.
Giselly U1- 2.24	Estou como " Formiga " pois sempre tiro uma porcentagem do meu dinheiro para um investimento futuro , Sempre deixo de reserva caso , a necessidade de usar , sei que não estarei no prejuízo deixando sempre um reservado.	
A Educação financeira ira me ajudar a controlar minha vida financeira , e mostrar que dá para realizar sonhos , se souber equilibrar as finanças.	Conscientização do cenário atual, em relação à EF.	

Fonte: a autores.

Além da preocupação apontada pela Fernanda (U1-4.15) e da consciência da Giselly (U1- 2.24) em investir parte de sua receita pensando no futuro, temos um contraponto apresentado pela participante Keyse (U1-1.2), em que destaca que costuma gastar mais do que precisa, conforme verificamos no Quadro 6.

Quadro 6 – Discussão sobre o tema 1: Pesquisador x Keyse

Participante	Discussão	Ação evidenciada
Pesquisador	"Você costuma gastar além do orçamento?"	
Deixe seu comentário.	Propor reflexão sobre EF.	

4 Lobato, Monteiro. Fábulas e Histórias diversas. São Paulo: Brasiliense, 1947.

5 Curso Educação Financeira. O que é Educação Financeira. (https://www.youtube.com/watch?v=SiIztrwfg1s&list=PLrFk0nIDfXOM_1_JOCG3ZEZmlz-U6TyU&index=1).

6 Vale ressaltar que todas as transcrições, dentro dos quadros são literais e em alguns momentos são acrescentados, entre colchetes, elementos para melhorar a compreensão.

Participante	Discussão	Ação evidenciada
Keyse-U1-1.2	Sim costume gastar além do que preciso, no vídeo o professor cita dois grupos o 01 é o 02 eu faço parte do grupo 01. No meu caso sou a cigarra porque gasto além do meu limite, eu sou uma pessoa passivo financeiro.	
Eu tenho muita facilidade de gastar hoje é esquecer o amanhã.		
Espero. Pode aprender com o curso a ser uma pessoa menos consumista é também consegui praneja [planejar] meu futuro.	Conscientização do cenário atual, em relação à EF.	

Fonte: os autores.

Percebemos, ainda, na fala de Keyse (U1-1.2) que ela é a cigarra da fábula, uma vez que costuma gastar além de seu limite, acrescentando ser uma pessoa passiva financeira. Ainda nessa perspectiva, ela frisa em sua reflexão: “Eu tenho muita facilidade de gastar hoje e Esquecer o amanhã” (Ibid.). Por fim, Keyse (U1-1.2) acrescenta: “Espero. Pode aprender com o curso a ser uma pessoa menos consumista é também consegui [conseguir] praneja [planejar] meu futuro”.

Na Unidade 2, notamos que os comentários dos alunos nos demonstram que suas pretensões e as esperanças que tinham frente ao curso, uma vez que participavam e contribuíam para reflexão acerca do tema proposto.

A análise foi iniciada a partir dos comentários e a questão norteadora foi: “Quanto custa seu cafezinho?” Se cortar algum gasto diário, qual seria a porcentagem que iria sobrar do meu salário?

Quadro 7 – Discussão sobre o tema: Pesquisador Ana Maria

Participante	Discussão	Ação evidenciada
Pesquisador U2-3.3	como cortar os gastos (desnecessários) diários? Comentem aqui.	Propor reflexão sobre EF
Ana Maria U2- 1.4	não é compra [comprar] por o em curso [impulso]	Análise de gastos e conscientização em investimentos

Fonte: os autores.

Notamos nos comentários do Quadro 7 que a participante Ana Maria (U2-1.4) reforça que “não é comprar por impulso”, ou seja, enfatizando a possível solução para necessidade. Com esse trecho, percebemos que a participante pôde analisar o que foi gasto e sugerir uma reflexão para a solução de temas de Educação Financeira.

Percebemos, também, que os “conhecimentos práticos

de educação financeira podem contribuir para melhorar a gestão de nossas finanças pessoais, tornando nossas vidas mais tranquilas e equilibradas sob o ponto de vista financeiro” (Brasil, 2013, p.9).

Quadro 8 – Discussão sobre o tema: Pesquisador Ana Maria

Participante	Discussão	Ação evidenciada
Pesquisador-	Sim, essa é a ideia. Ter controle nos gastos requer um certo "controle". Agora, me fale, você assistiu ao vídeo acima, qual é o seu cafezinho? Qual é o seu gasto diário, mesmo que seja com baixo valor?	Levantou-se questões sobre educação financeira;
Propor reflexão sobre EF.		
Ana Maria - U2- 1.6	Se tem um lanche em casa quero compra [comprar] outra coisa pra comer não Fasso [faço] o q [que] tem em casa	Conscientização do cenário atual, em relação à EF

Fonte: os autores.

Continuando com a análise da participante Ana Maria (U2-1.6), no Quadro 8, em outra discussão, ela apresenta que “Se tem um lanche em casa quero compra [comprar] outra coisa pra comer não Fasso [faço] o q tem em casa” (Ana Maria, U2-1.6), indicando, do mesmo modo, a ponderação e autocrítica sobre o tema de Educação Financeira e conscientização que devemos ter. Nesse sentido, podemos lembrar que, no cotidiano, com as relações que temos com o dinheiro, “estamos sujeitos a um mundo financeiro muito mais complexo que o das gerações anteriores” (BRASIL, 2013, p. 12).

A Unidade 3 apresenta os aspectos sobre as discussões entre o pesquisador e os participantes que proporcionaram maior profundidade sobre as reflexões dos temas de Educação Financeira. A questão mediadora foi: “qual a sua condição financeira atual e em qual a condição financeira que você quer chegar?”

Nessa Unidade, oferecemos a cada participante, possibilidades de aprofundar nas reflexões de suas práticas diárias de uso e pensamento sobre EF, indicando como eles enfrentam sua vida financeira e aonde querem chegar. Esperamos que eles entendam a proposta do curso para suas vidas e que possam “se doar” um pouco mais às discussões.

Quadro 9 – Discussão sobre o tema: Pesquisador x Mila

Participante	Discussão	Ação evidenciada
Pesquisador U3- 1 .1	Vamos refletir: "qual a sua condição financeira atual e em qual a condição financeira que você quer chegar???	Levantou-se questões sobre educação financeira;
Propor reflexão sobre EF.		

Participante	Discussão	Ação evidenciada
Mila U3-1.20	pretendo me dedicar um pouco mais aos estudos, e me aperfeiçoar, em alguma área, já que as coisas não estão [estão] fáceis	Conscientização do cenário atual, em relação à EF

Fonte: os autores.

No Quadro 9 notamos a participante Mila (U3-1.20), que nos apresenta que: “pretendo me dedicar um pouco mais aos estudos, e me aperfeiçoar, em alguma área”, nesse comentário a participante exibe sua inquietação em ter uma formação para poder atuar nas diversas áreas da sociedade e saber lidar com decisões econômicas, pois, na sequência ela adiciona: “já que as coisas não estão fáceis”. Com esse comentário, sob a luz desse olhar, percebemos que a Educação Financeira é fundamental para a sociedade brasileira, uma vez que está relacionada com as decisões econômicas dos indivíduos e das famílias, ou seja, com o bem-estar socioeconômico (Gomes, 2012).

No Quadro 10 apresentamos a participante Fernanda (U3-1.2), com o seguinte comentário sobre o tema dessa Unidade: “Atualmente está precária rs. Pretendo ser bem-sucedida e luto para isso, ótimas aulas”

Quadro 10 – Discussão sobre o tema: Pesquisador x Fernanda

Participante	Discussão	Ação evidenciada
Pesquisador U3- 1 .1	Vamos refletir: "qual a sua condição financeira atual e em qual a condição financeira que você quer chegar???"	Propor reflexão sobre EF.
Fernanda U3-1.2	Atualmente está precária rs. Pretendo ser bem-sucedida e luto para isso, ótimas aulas	Conscientização do cenário atual, em relação à EF

Fonte: os autores.

Na fala da participante, notamos que ela demonstra ter identificado sua saúde financeira e como ela pode refletir, a partir dos elementos apresentados no vídeo sugerido para a unidade, na finalidade de dar a oportunidade para estes alunos da EJA, em ter maior controle sobre seus gastos.

Avaliando essa reflexão, a Educação Financeira apresenta caminhos para que haja benefícios para a sociedade, desse modo, há possibilidades de promover o equilíbrio das finanças pessoais (Brasil, 2013, p. 12).

O tema que balizou a Unidade 4 foi: Vamos aprender sobre conquistar Sua Liberdade Financeira? Vamos aprender mais sobre propor liberdade financeira, poupar ou investir? Nesta Unidade percebemos a evolução de cada participante em consonância com o tema de Educação Financeira e o hábito de discutir sobre temas relacionados a esses e apresentar possibilidades de melhorias.

No Quadro 11, notamos que a participante Ana Maria (U4-2.5) acrescentou: “Eu a cheia muito bom e em importante

mais no momento não estou guardando [guardando] não está dando pra guardar nada estou desempregada no momento”. Nesse trecho, observamos a dificuldade de pensar nos temas de gastos, investimentos e como reduzir algo que não faz parte do dia a dia de muitos brasileiros.

Quadro 11 – Discussão sobre o tema: Pesquisador x Ana Maria

Participante	Discussão	Ação evidenciada
Pesquisador U4- 3.4	O pensamento de reduzir os gastos mensais é fundamental para que possamos colocar o dinheiro para trabalhar para nós. O que achou do vídeo? Quais são seus exemplos de compras e gastos? Consegue guardar 5% do seu orçamento?	Levantou-se questões sobre educação financeira; Propor reflexão sobre EF.
Ana Maria U4- 2.5	Eu a cheia muito bom e em importante mais no momento não estou guardando [guardando] não está dando pra guardar nada estou desempregada no momento	Conscientização do cenário atual, em relação à EF

Fonte: os autores.

Pudemos evidenciar que a experiência de recomeço de vida, a partir do aprendizado na EJA, se torna uma esperança na realização de sonhos destes alunos. Logo, faz-se necessário uma educação reflexiva voltada para jovens e adultos, a fim de que se promova a inclusão social. Ainda com essa reflexão, notamos que a participante Danny (U4- 3.11) reforça em sua fala que “Muita gente se confunde bem aqui, pois não sabe dizer ao certo qual a diferença entre economizar e poupar...” (Quadro 12), aqui ela reforça a necessidade de entender suas finanças pessoais, acrescentando que: “Poupar dinheiro significa, basicamente, guardar uma parte do que ganha. Mas não vale poupar no supermercado e depois usar esse dinheiro para pagar a conta do barzinho.” (Quadro 12).

Nesse aspecto, a participante apresenta sua definição de “poupar e economizar” tema apresentado no vídeo desta Unidade.

Quadro 12 – Discussão sobre o tema: Pesquisador x Danny

Participante	Discussão	Ação evidenciada
Pesquisador U4- 6.10	Quando fazemos o exercício de economizar e investir, aprendemos a ter domínio de nossa vida financeira. No vídeo é apresentada a diferença de poupar e investir, quando entendemos essa diferença podemos ter sucesso. E para você qual essa diferença? O que fazer com essa diferença na prática?	Levantou-se questões sobre educação financeira;

Participante	Discussão	Ação evidenciada
Danny U4-3.11	Muita gente se confunde bem aqui, pois não sabe dizer ao certo qual a diferença entre economizar e poupar...Poupar dinheiro significa, basicamente, guardar uma parte do que ganha. Mas não vale poupar no supermercado e depois usar esse dinheiro para pagar a conta do barzinho.	Propor reflexão sobre EF.
		Conscientização do cenário atual, em relação à EF

Fonte: os autores.

De todo modo, desenvolvemos um pensamento que estimula o nosso desejo de aprender a lidar com o mundo das finanças e nos incita a desenvolver conhecimento, capacidades e habilidades financeiras, de modo a nos formarmos indivíduos pensantes, capazes de tomar decisões. De tal modo, apropriamo-nos de informações sobre os assuntos financeiros disponíveis, nos preparando para administrar as nossas finanças pessoais com propriedade (Chagas, 2019).

Na Unidade 5 tivemos a oportunidade de trazer as demais unidades apresentadas anteriormente, para discussão e consolidação dos saberes adquiridos em nosso curso com a última aula presencial para promover a avaliação em concordância com os nossos objetivos. Notamos na avaliação final que os participantes puderam resgatar sua motivação, seus sonhos e seus anseios em relação a saúde financeira (Chagas, 2019).

De tal forma, pudemos evidenciar que a partir do questionamento inicial apresentado na abertura da Unidade 1, perpassando pelas Unidades 2, 3 e 4, e finalizando na Unidade 5, momento em que ocorreram as interações, ocorreu a preocupação de trabalhar com os participantes e com a temática de EF. Desse modo, pudemos perceber que os participantes apresentaram a proposta de EF em suas atividades durante as suas reflexões, contudo, a dificuldade foi apresentada em volta do uso dos recursos financeiros no cotidiano.

Após todas essas reflexões, percebemos como é fundamental ressaltar que aprendemos a ter domínio de nossa vida financeira, por vezes, quando entendemos a diferença entre poupar e investir, significando que, poupar é o ato de guardar e investir é fazer nosso dinheiro “trabalhar” para nós.

5 Considerações Finais

Neste artigo pretendemos analisar a interação e a conquista da autonomia de alunos da EJA durante a realização de um curso de Educação Financeira oferecido por meio da rede social Facebook e apresentar discussões sobre temas de Educação Financeira que podem contribuir para a Inclusão Social alunos da EJA em seus cotidianos.

Em relação ao primeiro objetivo, analisar a interação e a

conquista da autonomia de alunos da EJA durante a realização de um curso de Educação Financeira oferecido por meio da rede social Facebook, nossa análise constatou, mesmo diante das dificuldades tecnológicas apresentadas pelos participantes, um ganho de autonomia e conscientização por parte dos alunos da EJA, ficando evidente o pensamento deles em relação as suas vidas financeiras e latente preocupação com o assunto daquele momento em diante.

No que tange ao segundo objetivo, apresentar discussões sobre temas de Educação Financeira que podem contribuir para a Inclusão Social alunos da EJA em seus cotidianos, entendemos tê-lo alcançado a partir das discussões apresentadas na seção anterior, na qual pudemos observar e constatar que a conscientização a partir do tema discutido, Educação Financeira, pôde contribuir para a inclusão social desses alunos, uma vez que a tomada de decisão e as escolhas financeiras serão melhores tomadas.

Em nossa pesquisa tivemos destaque para a conscientização para a tomada de decisão, uma vez que os indivíduos necessitam ter autonomia para resolução de questões financeiras.

Cumprir destacar que ao longo da pesquisa nos deparamos com algumas limitações. Uma delas se refere ao tempo de dedicação de cada participante ao curso, que foi bem limitado, mesmo sendo um curso ofertado à distância, por meio da rede social Facebook. Outra dificuldade que identificamos se refere ao entendimento dos participantes ao tratar das discussões sobre Educação Financeira. Embora possamos pensar que esse assunto é comum, mesmo considerando tão importante e presente na vida das pessoas, percebemos que para nossos participantes essas discussões era algo novo. Esses dois entraves acabaram prejudicando substancialmente as interações dos participantes, muito possivelmente pela falta de repertório sobre o assunto, ainda que estivéssemos ao longo das semanas apresentando e discutindo sobre os temas cobrados nas interações.

Entendemos que essa pesquisa tem potencial para novos desdobramentos, novos olhares e novos desenhos. Sem dúvidas o público da EJA apresenta algumas fragilidades, vulnerabilidades e limitações, e que poderão nortear novas análises, então a partir do que foi discutido neste texto é possível propor diferentes estratégias visando a inclusão social e, principalmente, o ganho de autonomia desse público.

Não temos a pretensão de finalizar aqui as reflexões a respeito de todas as questões abordadas neste trabalho, muito pelo contrário, nossa pretensão é de despertar novos olhares e novas reflexões acerca de temas sobre Educação Financeira, para o público da EJA, visando conscientizar educadores e educandos, no que se refere à inclusão social, para que, juntos, possamos despertar o desejo de identificar as fragilidades e as vulnerabilidades que nos impedem de ser mais conscientes e educados financeiramente (Pereira, 2019).

Referências

- Brasil. (1996) LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC.
- Brasil. (2002). Ministério de Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. PCN+ Ensino Médio: Orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias. Brasília: MEC.
- Brasil. (2013). Banco Central do Brasil. Caderno de Educação Financeira – Gestão de Finanças Pessoais. Brasília: BCB.
- Dorneles, R. S. (2018). A evasão da e na escola: as experiências de vida dos jovens evadidos da EJA. 2018. 153 f. Dissertação (Mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social) - Feevale, Novo Hamburgo-RS.
- Fonseca, M.C.R. (2007). Educação Matemática de Jovens e Adultos - Especificidades, desafios e contribuições. Autêntica Editora. [Minha Biblioteca].
- Gerhardt, T. E., & Silveira, D. T. (2009). Métodos de pesquisa. Recuperado de <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>.
- Gomes, C. C. C., & Cox, K. K. (2012). Educação financeira através do jogo “Boas Finanças”. Revista Animaeco, 1(1): p.32-49.
- Henriques, R. (2006). Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos: Alunas e alunos da EJA. Brasília: Mec.
- Klostermann, C. F. S. (2016). Autonomia e a EJA, a desenvoltura do aluno de EaD: questões sobre o princípio da autonomia discente. 77 f. Dissertação (Programa de Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias) – Centro Universitário Internacional Uninter, Curitiba, 2016.
- Kuenzer, A. (2005). Exclusão includente e inclusão excludente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. In: Saviani, D., Sanfelice, J.L., & Lombardi, J.C. (Org.). Capitalismo, trabalho e educação. Campinas: Autores Associados.
- Lobato, M. (1947). Fábulas e Histórias diversas. São Paulo: Brasiliense.
- Martins, J.S. (2008). A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis: Vozes.
- Nascimento, M. A., & Borges, R. H. J. (2014). Práticas pedagógicas em EJA como ensaios para autonomia. Recuperado de <http://aninter.com.br/Anais%20CONINTER%203/GT%2005/40.%20NASCIMENTO%20BORGES.pdf>.
- Natalino, L. B. (2014). Matemática financeira para o EJA. 2014. 44 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.
- Pereira, A. (2019). Os sujeitos da EJA e da educação social: as pessoas em situação de vulnerabilidade social. Práxis Educacional, 15(31), p.273-294, doi: 10.22481/praxis.v15i31.4673.
- Pereira, M. L. (2007). A construção do letramento na educação de jovens e adultos. São Paulo: Autêntica.
- Resende, A. F. (2013). A educação financeira na educação de jovens e adultos: uma leitura da produção de significados financeiro-econômicos de dois indivíduos consumidores. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Juiz de Fora.
- Santos, R., & Peripolli, O. (2012). Educação de Jovens e Adultos: uma proposta de inclusão social. Eventos Pedagógicos. Recuperado de <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/950>.
- Utsumi, M. C., Cazorla, I., Vendramini, C. M. M., & Mendes, C. R. (2007). Questões metodológicas dos trabalhos de abordagem quantitativa apresentados no GT19-ANPEd. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/emp/article/view/586/437>.